



## A EDUCAÇÃO FILOSÓFICA NAS ESCOLAS

Tobias Zeni Grando\*

**Resumo:** Este artigo foi criado a partir de um esboço de referencial teórico, dentro da matéria de prática de ensino II, no curso de filosofia. O seguinte artigo faz um breve comentário sobre a educação no Brasil e as discussões que estão ocorrendo sobre a mesma; fazemos menção sobre o ensino de filosofia nas escolas, num contexto geral; o ensinar filosofia para crianças e também na educação de jovens e adultos (EJA). Dentro deste trabalho demonstraremos as ideias de vários autores da educação, que falam da filosofia na sala de aula e qual a sua importância para os educandos, onde se pode formar com a mesma uma comunidade de investigação, onde se pode introduzir o aluno em um ambiente de ideias e pensamentos, formando pessoas que saibam construir ideias juntas para o bem comum de todos.

**Palavras-chave:** Filosofia. Ensino. EJA. Criança.

### Introdução

O seguinte trabalho é uma análise de textos, a partir do tema: ‘a educação filosófica nas escolas’. Que foi desenvolvido, a partir de um referencial teórico, dentro da disciplina de prática de ensino, abrangendo desta forma, assuntos que vão desde uma contextualização de como está a educação no Brasil hoje, até como está sendo desenvolvido ensino de filosofia nas escolas, a filosofia na EJA e para crianças.

Assuntos que estão sendo discutidos hoje, e que para muitos não são de grande valia; temas estes que vão sendo tratados pelos parlamentares, de que se deve ou não alterar o ensino, ou questões mais práticas: Se deve ou não ensinar filosofia, ou até mesmo; para quem ensinar? Somente jovens adultos ou desde cedo enquanto crianças? Temas como estes que indagam os acadêmicos de licenciatura em filosofia; e a partir desses motivos e outros que se leva a busca, a pesquisa, não com um viés prático, mas teórico, buscando assim autores que respondam a estas e outras questões que vão surgindo na vida de muitos acadêmicos, que

---

\*Acadêmico do 5º semestre do Curso de Filosofia da Faculdade Palotina- FAPAS. E-mail: [tobiasgrando@gmail.com](mailto:tobiasgrando@gmail.com)

como foi dito: para alguns são meros devaneios e pensamentos que não se leva em nada. Mas é a partir disso que se começa a refletir melhor sobre as coisas que circundam a realidade acadêmica.

## 1 Contexto da educação hoje

O contexto educacional do Brasil hoje vem sendo questionado para que ocorram melhorias no ensino, os questionamentos são a respeito de seus métodos, de como está sendo a formação dos docentes e de como os alunos estão absorvendo o conhecimento a eles transmitido, e se os conteúdos ensinados são necessários e se são do interesse do educando; assim nos fala o professor Ricardo Rossato:

Ora no momento em que esta é profundamente questionada, os modelos de educação que a sustentaram também são profundamente atingidos. Inúmeras são os questionamentos a respeito da escola, dos métodos, da formação dos professores, enfim de todo o entorno da educação (ROSSATO, 2013, p. 191).

Não só o modelo de educação é questionado, mas também a infraestrutura das escolas, pois é onde os alunos passam muitas vezes o dia todo, as questões são se ela corresponde às necessidades dos educandos, isso vai desde seu tamanho, classe social dos educandos, até se o local é adequado. “O tamanho da escola também importa. Alunos que estudam em escolas grandes tendem a ter desempenho pior do que alunos de escolas menores ou de tamanho moderado” (LEE apud ALVES; SOARES, 2013, p. 184). Estas são um das questões que vem sendo abordado, sobre o estilo das escolas hoje, fazendo com que o governo aposte em políticas educacionais cada vez mais complexas e que muitas vezes desmotive, não só, os professores, mas também os educandos.

Assim, considerando a remuneração e a carga de trabalho, pode-se inferir que se apresenta uma precarização das condições de trabalho, essas que por sua vez encontram-se por legitimadas pelas políticas educacionais. Nesse sentido, o profissional docente enfrenta em seu trabalho contradições insustentáveis que de um lado valorizam a educação e o trabalho docente e, de outro, sobrecarregam e precarizam o trabalho dos profissionais. A valorização do trabalho docente depende da confluência de três elementos: a existência de condições de trabalho adequadas, uma formação de qualidade e um sistema de avaliação que fortaleça a capacidade dos docentes em sua prática. Porém, são escassos os estímulos para que a carreira seja atrativa, no que se refere às condições de formação, trabalho e salário. E as tendências políticas não têm indicado mudanças nessa direção (CARISSIMI; TROJAN, 2011, p. 68).

Com tudo a educação hoje deve buscar uma reestruturação, reencontrar o valor do ser humano, da vida, esforçar-se em encontrar os valores perdidos ao longo da história, como: costumes, tradições, modelo de família, religião, etc.

Em relação à questão mais profunda como o sentido da existência e as razões da vida humana, os tempos recentes foram muito pródigos em questionamentos e negações. Observemos a força com que se difundiu o existencialismo e sem falar num certo sentido de negação de todo o transcendente. [...] A crise de valor parece ter-se aprofundado manifesta na dificuldade que as gerações adultas encontram em repassar às novas gerações, os valores que deram suporte aos últimos séculos da história e que pareciam inerentes à condição humana (ROSSATO, 2013, p. 192).

Este é um pequeno esboço de como se encontra a educação brasileira hoje, que está voltada apenas em discussões de parlamentares que tentam buscar um novo jeito de escola, mas se refletissem sobre o que deve ser reestruturado, ou melhor, valorizado, veriam que é a base elementar na educação de todas as crianças, que é a família, pois é a onde a criança recebe toda uma base para a sua vida, na família é a onde ela ficará protegida do mundo, da vida pública (ou ao menos deveria), e o local onde ela entrará em contato com o mundo é a escola, sendo que a escola é que fará a passagem da família para o mundo, apresentará como as coisas são, mas ela não tem a função de instruí-las na arte de viver, pois é a família que deve ensinar as bases de como viver. Assim nos diz a filósofa Hannah Arendt, em seu texto sobre a crise na educação:

Normalmente a criança é introduzida ao mundo pela primeira vez através da escola. No entanto, a escola não é de modo algum o mundo e não deve fingir sê-lo; ela é, em vez disso, a instituição que interpomos entre o domínio privado do lar e o mundo com o fito de fazer com que seja possível a transição, de alguma forma, da família para o mundo. (Arendt. 2001. Pg.238).

A escola como diz a autora não é o mundo, é um local de transição, e assim deve ser as nossas escolas um local de transição de um mundo conhecido para ela (família), para um mundo desconhecido (mundo, ideias), ou melhor, de transmissão de conhecimento, de valores éticos e morais, de ideias, pensamentos, conceitos. local onde podem e devem refletir, conhecer os pensamentos que moveram e que movem o mundo, é na escola que elas devem conhecer a filosofia.

## 2 O ensino de filosofia

O ensino de filosofia retornou aos bancos escolares em 2008, isso depois de mais de 40 anos, afastada do meio escolar, sua volta se deu quando entrou em vigência a lei nº 11.684. Que obrigou as escolas acolherem novamente a filosofia, juntamente com o ensino da sociologia.

Após quase 40 anos, as disciplinas de filosofia e sociologia foram novamente incorporadas ao currículo do ensino médio, em junho de 2008, com a entrada em vigor da Lei nº 11.684. A medida tornou obrigatório o ensino das duas disciplinas nas três séries do ensino médio. Elas haviam sido banidas do currículo em 1971 e substituídas por educação moral e cívica (PORTAL DO MEC).

Retorno que iniciou tímido na década de oitenta e que ganhou forças na década de noventa com a criação da LDB (Lei de Diretrizes e Bases de educação nacional)

As discussões em torno da Filosofia, sem espaço desde 1964, surgem tímida na década de oitenta com a reabertura política. A atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDBn, 9394/96, demonstra o fruto das conquistas quando traz em seu texto que ao final do ensino médio o estudante deverá dominar os conteúdos de Filosofia e Sociologia necessários ao exercício da cidadania. A lei reconhece e anuncia a importância do conhecimento filosófico numa sociedade em que os indivíduos foram espoliados de sua cidadania. Note-se, 335 no entanto, que a Filosofia se apresenta como conteúdo, ela ainda não adquire o status de disciplina na unidade curricular (GROKORRISKI, 2009, p.334).

Depois desse longo período longe das escolas ainda alguns se questionam, do por que ensinar filosofia? Segundo Walter Omar Kohan: “O ensino da filosofia é a peça-chave de uma formação humanista para a autonomia [...]” (KOHAN, 2003, p. 35). Segue o Kohan em outra obra falando sobre o ensino da filosofia e o papel do professor. “[...] A filosofia não ocupa o lugar de um saber a mais; não é outro saber que se sabe quando se sabe filosofia; o que prima é antes de tudo uma relação com o saber. Essa delimitação pode ser crucial para um professor de filosofia em particular e para qualquer educador em geral” (KOHAN, 2009, p.26). Na mesma obra fala do compromisso da filosofia na transformação do pensamento e não da ordem social, mas transformar o pensamento dos indivíduos que vivem nela, e assim formar cidadãos que pensam de uma forma diferente a ele apresentada, buscando sempre o melhor.

[...] a filosofia tem um compromisso com a transformação do pensamento [...] abre espaço de transformação para uns e outros, em relação com o pensamento que se tem e a vida que se leva.

Dessa maneira, sugere que ensinar e aprender filosofia são uma oportunidade para transformar [...] não transformar uma ordem social para instituir outra, mas

transformar o que somos e o modo como nos pensamos em uma ordem social dada para abrir a possibilidade de pensar e viver uma nova ordem (KOHAN, 2009, p. 83).

Com toda esta ‘luta’ a filosofia está presente em nossas escolas, fazendo com que nossos alunos reflitam os moldes da nossa sociedade.

Discutir a Filosofia é a demonstração de que a escola brasileira conquista aos poucos sua liberdade. Desvencilhamo-nos de um regime político em meados da década de oitenta e só agora, duas décadas mais tarde, a Filosofia retorna amparada legalmente. Sobrevive em nossas escolas a esperança de que alunos “filosofem” sobre nossa sociedade (GROKORRISKI, 2009, p.344).

O retorno legal da filosofia, como disse o Grokorriski, foi um retorno dos ares da reflexão nas escolas brasileiras, do modo de como se vê a sociedade em que vivemos, de refletir novamente paradigmas, tabus, questões, que um por certo tempo não deveriam ser questionados. Assim como disse o autor temos a esperança de que os alunos filosofem, questões do seu meio, e está é a esperança daqueles que buscaram o retorno da filosofia nas escolas brasileiras.

### **3 O ensino de filosofia na EJA**

O ensino da EJA (educação de jovens e adultos) é destinado a pessoas que não tiveram a oportunidade de cursar os ensinos fundamental ou médio, isso por diversos fatores (econômico, social, cultural, etc.), Diz as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Lei 9.394/96, artigo 37: “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou oportunidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”. A EJA surge com esta finalidade de auxiliar as pessoas a concluir os ensinos, com isso conseguirem maiores oportunidades, tanto no campo intelectual, como a inserção no mercado de trabalho, isso é um trabalho mais digno e valorizado.

O papel, a contribuição da Educação de Jovens e Adultos o EJA, e que benefícios ele traz segundo Maria Maira Picawy e Maria Sirlei Xavier Wandscheer:

A oferta da Educação de Jovens e Adultos deve construir sua identidade com características próprias de sua cultura, considerando seu perfil e situação real, deverá voltar as suas atividades para o atendimento dessa população incentivando suas potencialidades, promovendo sua autonomia, levando os seus alunos a serem sujeitos do aprender a aprender, apropriando-se, gradativamente, do mundo do fazer, do conhecer, do agir e do conviver.

A Educação de Jovens e Adultos vem contribuir para a igualdade social numa sociedade onde o código escrito ocupa lugar privilegiado, onde a leitura e a escrita são bens relativos e o não acesso a eles, a esse nível de conhecimento impede o atingimento da cidadania plena; vem reparar o direito à escola de qualidade e o reconhecimento da igualdade do ser humano na sociedade (PICAWY, WANDSCHEER, 2006, p.69).

Assim para contribuir na formação intelectual, se encontra dentro do currículo da EJA é proposto o ensino de filosofia, que vem para auxiliar o aluno a se preparar melhor para o mundo que os espera formando-os profissionalmente, mas principalmente a formação de sujeitos críticos e construtores da sociedade, este é um dos objetivos da filosofia na EJA.

A formação profissional não visa à produção de mão de obra eficiente ao mercado, ao contrário o novo paradigma de qualificação profissional visa ao aparato técnico ao mesmo tempo em que torna possível a formação de um sujeito crítico, construtor da sociedade na qual todos vivam de modo digno, sem que ninguém seja considerado mero instrumento de produção. A inserção da disciplina de Filosofia parece justificar-se pelas razões apresentadas, no entanto deve-se atentar para que não haja uma instrumentalização da Filosofia, ou seja, tomá-la como meio para se atingir um objetivo e não considerá-la como um fim em si mesmo (GROKORRISKI, 2009, p.338).

A formação da EJA, ou em qualquer outra forma de ensino não deveria formar pessoas como técnicos, no chamado ensino profissionalizante, dentro da escola comum, pois esta forma de instrução reduz em muito o currículo dos educandos, em apenas tarefas que não desenvolvem o pensar e apenas o fazer. Criam trabalhadores, ‘construtores de mundo e não de pensamentos’.

#### **4 O ensino de filosofia com crianças**

Quando falam de ensinar filosofia para crianças, nos vem logo à questão: As crianças não muito novas para aprender filosofia? ou ‘para que filosofia?’. Mas este pensar que não é necessário ou para que ensinar filosofia para crianças, isso já vem desde os primórdios da filosofia, do mundo grego. “[...] porque trata de algo considerado inapropriado para as crianças ou não essencial para sua educação. Entretanto, não é exatamente este caso da filosofia, pois ela já foi parte essencial da educação de príncipes e princesas [...]” (LIPMAN, 1990, p.28).

Mas sendo a filosofia um ensino de “príncipes”, porque hoje questionamos o ensino da mesma e não refletimos as vantagens, que as crianças têm em aprender filosofia; com a

filosofia elas terão a oportunidade de refletir desde cedo sua origem e a existência das coisas, refletir e se deparar com os pensamentos que moveram o mundo.

A filosofia oferece às crianças e jovens a oportunidade de discutirem conceitos, tal como o de verdade, que existem em todas as outras disciplinas, mas que não são abertamente examinados por nenhuma delas. A filosofia oferece um fórum no qual as crianças e jovens podem descobrir, por si mesmos, a relevância, para suas vidas, dos ideais que norteiam a vida de todas as pessoas. (FÁVERO, 2002, p. 104)

Desta maneira vemos que as crianças necessitam da filosofia para o seu desenvolvimento intelectual, pois com ela a criança se torna um cidadão crítico e reflexivo, preocupado com o meio em que vivem, elas se sentem responsáveis para buscar melhorias e modificar seu contexto; sobre isso nos diz Kohan: “[...] sem prática da filosofia, as crianças não poderiam ser cidadãos críticos, reflexivos e atenciosos, e a democracia não pode crescer onde há cidadãos acríticos, não reflexivos e pouco atenciosos” (KOHAN, 2000, p. 55 e 56).

Para que ocorra o ensino da filosofia, como nos lembra Kohan e que a criança se torne crítica, devem possuir um ambiente adequado, onde a criança possa: questionar, interrogar, criticar e dialogar com os demais de forma amigável, fazendo com que a criança se torne um ‘pesquisador’. Este ambiente onde a criança desenvolveria estas habilidades, estes gostos é a sala de aula, mas Lipman chama de comunidade de investigação.

“A comunidade de investigação é a sementeira necessária para o cultivo da filosofia na escola primária, pois ela entremistura a preocupação crítica com a justiça e o impulso criativo em direção ao interesse e à atenção. Ela gera o respeito tanto pelos princípios quanto pelas pessoas, fornecendo, deste modo, um modelo de democracia como investigação” (LIPMAN, 2001, p.368).

Não é uma sala tradicional onde o professor fala e pergunta e os alunos só dão respostas quando solicitados, mas é um local onde as crianças, os jovens, podem descobrir algo novo para suas vidas.

“O professor pode manter a máscara de autoridade onisciente. Os alunos sentam-se em filas silenciosas, dando respostas quando solicitados e fazendo exercícios de memorização. A filosofia não pode ser trabalhada dessa maneira. O fazer filosófico exige conversação, diálogo e comunidade, que não são compatíveis com o que se requer na sala tradicional. A filosofia impõe que a classe se converta numa comunidade de investigação, onde estudantes e professores possam conversar como pessoas e como membros da mesma comunidade; onde possam ler juntos, apossar-se de idéias conjuntamente, construir sobre as idéias dos outros; onde possam pensar independentemente, procurar razões para seus pontos de vista, explorar suas pressuposições; e possam trazer para suas vidas uma nova percepção de o que é descobrir, inventar, interpretar e criticar” (LIPMAN, 1990, p.61).

É assim que deve ser a sala de aula, ou a escola, onde o professor de filosofia deve trabalhar com as crianças ou com jovens; ela deve ser um local de aprendizado e não de simples memorização, onde o diálogo entre professor e educando é de cordialidade, onde constroem ideias conjuntas, pensando no bem estar de cada um, assim formando uma comunidade, ou como diz Matthew Lipman uma comunidade de investigação.

## Conclusão

Este artigo como foi dito, é uma análise de obras de diferentes autores, que comentam sobre como está a nossa educação e o ensino de filosofia. Muitas vezes pensamos: Será que podemos melhorar a educação? O ensino em nossas escolas? A formação dos docentes? São perguntas que questionam a todos que estão neste meio ou que se preocupam com ela, com o futuro das crianças que vão passar por este ensino. Devemos nos questionar, devemos procurar respostas, pois a pergunta é o início da investigação, da pesquisa, temos que procurar os ‘quês’, os ‘porquês’ da educação da educação brasileira; é assim que iniciamos um novo jeito de agir de pensar a escola, o mundo, derrubando ideologias que adestram e não educam, e sim criam pessoas acrílicas que tem medo de expor seu pensamento de buscar a mudança a onde vive.

A partir disso vemos a necessidade de ter o ensino de filosofia, para criarmos pessoas que procurem a mudança, não mudanças de ordem social como disse Kohan, mas mudanças de pensamento, e um pensamento que é construído junto, cada qual segundo seu entendimento, sem influencias, um pensamento onde cada um tem vez e voz E este mundo que parece ser uma utopia, pode ter sue início dentro da sala de aula.

## Referências

ALVES, Maria Teresa Gonzaga; SOARE, José Francisco. **Contexto escolar e indicadores educacionais:** condições desiguais para a efetivação de uma política de avaliação educacional. São Paulo: Educ. Pesqui, v. 39, n. 1, p. 177-194, jan./mar. 2013.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro:** A crise na educação. Título original: *Between Past and Future*. Tradução: Mauro W. Barbosa de Almeida. Editora: Perspectiva-São Paulo, 5º edição, 2001.

BRASIL. Lei n. 9394 de 20 dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 1996

CARISSIMI, Aline Chalus Vernick; TROJAN, Rose Meri. **A valorização do professor no Brasil no contexto das tendências globais.**

FÁVERO, Altair et al. Um Olhar Sobre o Ensino de Filosofia. Ijuí: Unijui, 2002.

GALLO, Sílvio (Org.); CORNELLI, Gabriele (Org.); DANELON, Márcio (Org.). Filosofia do ensino de filosofia. Petrópolis: Vozes, 2003.

GROKORISKI, Carlos Ricardo. **Ensino de filosofia na educação profissionalizante integrada ao ensino médio na modalidade jovens e adultos.** Curitiba, 2009

KOHAN, Walter Omar. **Filosofia: O paradoxo do aprender e ensinar.** Belo Horizonte: autentica, 2009

\_\_\_\_\_. **Filosofia para Crianças.** Rio de Janeiro: DP&A, 2000

LIPMAN, Matthew. **O pensar na Educação.** São Paulo: Vozes, 2001

\_\_\_\_\_. **A filosofia vai à escola.** São Paulo: Summus: 1990

PORTAL DO MEC. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32546>>. Acesso em: 19 mar. 2017.

ROSSATO, Ricardo. **Pós-modernidade:** e as novas tecnologias e a humanização da educação. Org. Alceu Cavalheiri, Sergio Nicolau Engerroff, Jolair da Costa Silva. Santa Maria: Biblos, 2013

SCHEIBEL, Maria Fani ; LEHENBAUER, Silvana. **Educação de jovens e adultos:** uma análise pedagógica do texto legal. Scheibel, Maria Fani (Org.); Lehenbauer, Silvana (Org.). Reflexões sobre a educação de jovens e adultos - EJA. Porto Alegre: Pallotti, 2006.